



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE- UFS

CAMPUS PROF.º ALBERTO CARVALHO

DEPARTAMENTO DE LETRAS-DLI

ADRIANO NERIS SILVA

**O REGIONALISMO E A TRANSPOSIÇÃO DO
REGIONAL NO ROMANCE “A SOMBRA DO PATRIARCA”
DE ALINA PAIM**

ITABAIANA-SE

2017

ADRIANO NERIS SILVA

O REGIONALISMO E A TRANSPOSIÇÃO DO REGIONAL NO ROMANCE “A
SOMBRA DO PATRIARCA” DE ALINA PAIM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI)
da Universidade Federal de Sergipe, Campus
Prof. Alberto Carvalho, como requisito final à
obtenção do título de graduado em Letras
Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vilma Quintela

Itabaiana, 27 de setembro de 2017

Sumário

Introdução.....	08
1. Alina Paim e seu tempo.....	10
2. A configuração romanesca em <i>A sombra do patriarca</i>	13
3. Engajamento político e regionalismo literário.....	14
3.1 Uma breve reflexão sobre a ótica feminista em <i>A sombra do patriarca</i>	17
3.2 O coronelismo e a transposição da teoria marxista da luta de classes em <i>A sombra do patriarca</i>	18
Considerações finais	
Referências	

AVALIAÇÃO PARA ASSINATURA DA BANCA

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a DR.^a VILMA MOTA QUINTELA
ORIENTADORA

PROF.^a DR.^a ADRIANA SACRAMENTO
AVALIADORA

*[...] se pode esperar tudo de quem olha para frente, de quem caminha
com algum objetivo.*

Alina Paim (A Sombra do Patriarca)

RESUMO

Nos anos 1930's, no Brasil, escritores dedicados à prosa de ficção, formados fora do eixo Rio-São Paulo, direcionaram seus olhares à temas, então, quase que esquecidos no mundo literário brasileiro. Trata-se de uma temática voltada a realidades e a valores sociais regionais. Nesse contexto, destaca-se um grupo de escritores nordestinos que tiveram papel importante para a revitalização dos conceitos de regionalismo e regionalidade na primeira metade do século XX. No presente trabalho, trataremos do romance *A sombra do patriarca* (1950), da escritora sergipana Alina Paim, obra que, por suas características estéticas, pode ser incluída na produção literária regionalista que ficou conhecida com o nome genérico “romance do Nordeste”. Nesse romance, fica bastante evidenciado o engajamento político de Paim, que deixou, em toda a sua obra, a marca de sua visão crítica e combativa sobre o papel social da mulher na sociedade brasileira, em especial, no Nordeste, em seu tempo. Averiguaremos aqui como o conceito marxista de luta de classes e os pressupostos do feminismo, que ganhou corpo teórico no período pós-guerra, dão suporte ideológico à transposição literária das relações envolvendo a mulher em um contexto histórico específico, o Nordeste agrário de estrutura social tipicamente patriarcal, da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Região/Regionalidade/Regionalismo. Romance Social. Literatura Sergipana. Representações da Mulher na Literatura.

ABSTRACT

In the 1930's, in Brazil, writers dedicated to prose fiction, formed outside the Rio-São Paulo axis, turned their eyes to themes that were almost forgotten in the Brazilian literary world. It is a theme focused on regional social realities and values. In this context, we highlight a group of Northeastern writers who played an important role in revitalizing the concepts of regionalism and regionality in the first half of the twentieth century. In the present work, we will deal with the novel *The Shadow of the Patriarch* (1950), by the Sergipe writer Alina Paim, a work that, due to its aesthetic characteristics, can be included in the regionalist literary production known as the "Romance of the Northeast." In this novel, the political engagement of Paim is evident, which has left throughout his work the mark of his critical and combative view on the social role of women in Brazilian society, especially in the Northeast in his time. We will find here how the Marxist concept of class struggle and the presuppositions of feminism, which gained a theoretical body in the postwar period, give ideological support to the literary transposition of relations involving women in a specific historical context, the agrarian Northeast of social structure typically patriarchal period of the first half of the twentieth century.

KEYWORDS: Region / Regionality / Regionalism. Social Romance. Sergipe Literature. Representations of Women in Literature.

1- Introdução

No presente trabalho, trataremos do romance *A sombra do patriarca* (1948), da escritora sergipana Alina Paim, obra que, por suas características estéticas, pode ser incluída na produção regionalista que teve o seu auge na década de 30. Nessa obra, fica bastante evidenciado o engajamento político da autora, que deixou, em toda a sua obra, a marca de sua visão crítica e combativa sobre o papel social da mulher na sociedade brasileira, em especial, no Nordeste, em seu tempo. Averiguaremos aqui como o conceito marxista da luta de classes e os pressupostos da teoria feminista, que se desenvolveu significativamente no período pós-guerra, dão suporte ideológico à transposição literária das relações envolvendo a mulher em um Nordeste agrário de estrutura tipicamente patriarcal.

Para esta abordagem, teve grande importância a leitura de estudos contemporâneos empenhados na revisão dos conceitos de região, regionalidade e regionalismo, dentre esses, dois textos: “Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural”, de José Clemente Pozenato (2003), e “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”, de Lígia Chiappini Moraes Leite (1995). Já para um aprofundamento no chamado regionalismo de 30, foram relevantes os ensaios “A revolução de 1930 e a cultura” (1983) e “Literatura e subdesenvolvimento” (1989), de Antônio Cândido, e “A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva”, de Humberto Hermenegildo de Araújo (2008).

No que se refere à questão do engajamento político, aqui analisado como traço característico do discurso de Raquel, narradora-protagonista do romance em enfoque, foi relevante, para este estudo, a leitura de dois clássicos do pensamento crítico revolucionário, a saber: o *Manifesto comunista*, de Marx e Engels (1999), e *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1970).

Por fim, contribuíram para este trabalho dois estudos que tratam, em particular, da questão relativa ao valor estético da produção aliniana e ao problema da sua exclusão do cânone literário regionalista brasileiro, a saber, os ensaios “Escritoras marginalizadas” (2014), de Carlos Magno Santos Gomes, e “Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo” (2010), de Ana Maria Leal Cardoso.

Quanto ao conteúdo apresentado, o desenvolvimento deste trabalho compreende três seções: na primeira apresenta-se um breve estudo sobre a vida e a obra de Alina Paim, de

modo a destacar suas principais características estéticas, no sentido de situar a produção da escritora no contexto histórico literário brasileiro. Na sequência, é desenvolvida uma análise do enredo do romance *A sombra do patriarca*, na qual se procura averiguar como aí se configura a temática regionalista, com base nos referenciais teóricos acima mencionados. Por fim, busca-se refletir sobre como, teorias políticas universalistas como a marxista e a feminista, transpostas ao universo ficcional, servem de suporte ideológico à representação de uma realidade regional, isto é, particular.

1. Alina Paim e seu tempo

Como informa Gilfrancisco Santos (SANTOS, 2008), Alina Leite Paim nasceu na cidade de Estância, em Sergipe, em 10 de outubro de 1919. Ainda bebê, Alina mudou-se com os pais para Salvador, retornando a Sergipe anos depois, após o falecimento da mãe, quando foi morar em Simão Dias (SE) com os avós paternos. Nesse ambiente, Alina recebeu uma educação rígida, o que, de certa forma, acabou por contribuir à sua formação intelectual e a seu engajamento político. Ainda estudante, Paim segue com o pai, caixeiro-viajante, à capital da Bahia, onde passará a estudar numa escola católica tradicional, o Colégio Nossa Senhora da Soledade. Aí, num pequeno jornal estudantil, começa a se manifestar a sua veia literária. Ainda sobre os anos de juventude da escritora, relata Ana Leal Cardoso, estudiosa da obra de Alina Paim,:

Por intermédio de um amigo, conhece Dalma Batista, um amazonense em início de carreira política, de quem se enamora e assume o compromisso de noivado. Devido a problemas pessoais causados por constantes conflitos com alguns familiares, Alina apresenta um quadro de profundo *stress*, o que levou sua família a interná-la num sanatório para doentes mentais e onde permaneceu por cerca de quase três meses, vindo a conhecer o médico e psiquiatra Isaías Paim, de quem passa a ser paciente, recebendo diariamente sua visita. (CARDOSO, p. 126)

Em 1943, logo após o casamento com seu psiquiatra, o médico Isaías Paim, a nossa autora chega ao Rio de Janeiro, onde o casal buscava encontrar melhores oportunidades profissionais. Na cidade maravilhosa, em 1945, a convite de Fernando Tude de Souza, diretor da Rádio do Ministério da Educação, Alina passa a escrever aulas voltadas ao público do programa infantil *No reino da alegria*. Antes disso, em 1944, ela estreia, oficialmente, na carreira literária com a publicação do romance *Estrada da liberdade*, que teve a admiração e o apoio de Graciliano Ramos, declaradamente, o seu mestre e mentor literário.

Como conclui Ana Leal Cardoso, o romance de estreia de Alina Paim, assim como a sua produção posterior, traz muitos traços da própria biografia da escritora:

(...) a obra da escritora sergipana Alina Paim, cuja história de vida confunde-se com aquela das suas personagens, quase sempre enredadas num espaço familiar conflituoso ou no interior de algum convento, uma “marca” disciplinar característica da Idade Média resgatada pela romancista para ilustrar o quadro educacional do Brasil da primeira metade do século XX. (Idem, p. 126)

Como se lê no trecho acima, as personagens criadas por Paim, com seus conflitos pessoais, vivem em um ambiente familiar muito semelhante ao da autora, que, como a protagonista de seu primeiro romance, teve uma infância desafiadora, ficando órfã de mãe

ainda criança e, posteriormente, tendo vivido em um convento, onde terminou os estudos, formando-se professora. Nesse contexto, como se pode deduzir da biografia da escritora, as mulheres tinham que vencer muito mais obstáculos que na contemporaneidade para fazerem valer a sua voz em seu meio social. Segundo Ana Leal, o êxito pessoal atingido com a publicação do seu romance *Estrada da liberdade*, não foi suficiente para o seu reconhecimento no meio literário da época. Apesar de sua grande contribuição ao debate sobre o papel social da mulher, no âmbito da literatura brasileira, de acordo com os estudos de Carlos Magno Gomes, a sua produção se manteve à margem do cânone literário brasileiro por questões de ordem políticas:

Vítima da invisibilidade imposta pelo governo militar brasileiro, Alina Paim também foi esquecida pela história da literatura logo após o golpe de 1964. Sua obra, marcada pelo realismo socialista e pela luta pelos direitos da mulher, não foi reconhecida pelas gerações seguintes. Todavia, seu engajamento socialista se confunde com seu projeto artístico. Seu romance *Sol do meio-dia* (1960), prefaciado por Jorge Amado, conquistou o primeiro prêmio do concurso da ABL (Associação Brasileira do Livro). Além disso, esse romance foi traduzido, por sua afinidade política com os países da cortina de ferro, para russo, búlgaro e alemão. (GOMES, 2014, p. 26)

Consoante o dito no trecho acima, a produção literária de Alina Paim é indissociável da militância política. Quanto a isso, há que se destacar a sua aliança com o Partido Comunista do Brasil pelos idos de 1940 (CARDOSO, p. 127), o que tornou possível a tradução do seu romance *O Sol do meio dia*, de 1960, para línguas de diversos países socialistas. Desde o seu primeiro romance, como vimos, a autora se distingue pelo engajamento político. Assim, em *A sombra do patriarca*, romance em estudo neste trabalho, destaca-se a presença de um poderoso senhor de terras, um típico “coronel sem farda” da zona canavieira sergipana nas primeiras décadas do século XX, o tio Ramiro, personagem bastante temido por todos como fica especificado no seguinte trecho:

Oliveira mordeu os bigodes e permaneceu silencioso, no fim da mesa, junto à cabeceira vazia e distante. Seguiu-se uma série de ordens e reclamações em que a voz de tio Ramiro cruzava a mesa para esbofetear a face submissa do genro, do pai de Abelardo, do marido da filha. (PAIM, 1950, p. 21)

O trecho acima mostra com clareza a postura dominante do poderoso tio Ramiro, a quem todos temem, sem exceção. A temática envolvendo as relações familiares na sociedade tipicamente patriarcal é um dos aspectos que nos permitem situar essa obra no regionalismo de 30, no qual se destacaram a escritora Raquel de Queirós, iniciando no viés literário através de sua obra “O quinze” (1930) o qual carregava a questão de luta de classes assim como a retratação da seca, miséria; e o José Lins do Rego, que estreia sua carreira literária com o seu

romance “Menino de Engenho” (1932). O latifúndio com seus imensos canaviais é o típico cenário dos chamados romances do ciclo da cana-de-açúcar, no qual podemos situar *A sombra do patriarca*, de Alina Paim. Nesse romance, além das relações de trabalho envolvendo o Senhor Ramiro e seus quase escravos, destacam-se as relações familiares, envolvendo as mulheres e o código patriarcal.

2. A configuração romanesca em *A sombra do patriarca*

Em *A sombra do patriarca* temos uma narradora, que, assumindo-se como protagonista, narra a história de sua estada na propriedade do tio Ramiro, um antigo senhor de engenho e usineiro da região canavieira sergipana, ocorrida nos anos de 1930. Como reza a teoria da narrativa, o narrador-protagonista “não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos (LEITE, 1995, p. 43). Posto isso, podemos deduzir que, desse ângulo, a visão dos acontecimentos é parcial, isto é, sendo personagem central dos acontecimentos narrados, Raquel não possui conhecimento exato do que se passa na psique das demais personagens.

No que diz respeito à estrutura narrativa, o romance se divide em duas partes. A primeira se inicia com a chegada da protagonista à usina do tio Ramiro, acompanhada do pai, que possuía péssimas recordações de seu passado na propriedade. Nessa parte, Raquel nos apresenta os membros da família paterna, delineando as suas posições na ordem patriarcal, preestabelecidas pelo poderoso senhor Ramiro. Dentre esses, encontram-se tia Amélia (mulher de tio Ramiro), Teresa (filha de tio Ramiro e Amélia), os irmãos Abelardo, Leonor e Anita (filhos de Teresa e Oliveira), e Oliveira (o genro do tio Ramiro).

No decorrer do enredo, a narradora aprofunda o olhar sobre essas personagens, delineando seus perfis psicológicos, em meio ao relato de situações em que se evidencia o imenso prestígio e poder do tio, bem como o medo que ele inspira nos familiares e agregados da casa grande. Na narrativa, ganham destaque as personagens femininas, dentre elas, Leonor, jovem séria e pensativa, que se tornaria sua amiga e confidente; Anita, apresentada como uma espécie de marionete manipulada pela mãe, Teresa, e pelo tio Ramiro; e Teresa, guardiã entusiasta do código patriarcal, com quem Raquel estabelecerá uma relação conflituosa. Dentre as personagens masculinas, destacam-se Abelardo, rapaz sensível e subjugado pela mãe, e Oliveira, homem de caráter dócil e submisso, com quem Raquel manterá uma relação amorosa secreta.

Já na segunda parte do romance, o foco narrativo acompanha Raquel em suas caminhadas pelas terras de seu tio e arredores, onde conhece um pouco mais das tristes histórias dos trabalhadores que viviam em condições próximas à escravidão. É quando Raquel parte para a Vila de Santa Clara, onde passa a conviver com os tios Abelardo e Celina. Lá, ela fará novas descobertas sobre o poderoso patriarca e sobre o passado de sua família, envolvendo a aquisição das riquezas acumuladas pelo usineiro. Por fim, com o apoio da prima

Leonor, que também se rebela contra o poderio do patriarca, Raquel reúne forças contra a influência opressiva do tio, encaminhando-se para um final feliz com Oliveira, o marido subjugado de Teresa, a filha preferida do velho coronel.

3. Engajamento político e regionalismo literário

Como informa Antonio Candido (1983), nos anos de 1930, circulava, no Brasil uma atmosfera de fervor cultural e político, para a qual tiveram papel importante as inovações artísticas e o posicionamento crítico da geração anterior. Na década de 1930, as expressões artísticas que tinham sido repugnadas pela sociedade brasileira nos anos 1920, tornavam-se rotineiras no meio cultural brasileiro, sendo mesmo valorizadas e apreciadas em diversos âmbitos da cultura nacional. De acordo com Candido:

Isto ocorreu em diversos setores: instrução pública, vida artística e literária, estudos históricos e sociais, meios de difusão cultural como o livro e o rádio (que teve desenvolvimento espetacular). Tudo ligado a uma correlação nova entre, de um lado, o intelectual e o artista; do outro, a sociedade e o estado- devido às novas condições econômicas e sociais. E também à surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente. SOUZA, 1983, p. 27-28)

Segundo Antonio Candido, a política foi o eixo catalisador da produção cultural da época. Para o crítico, a revolução de 1930 “gerou um movimento de unificação cultural, projetando na escala da nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões” (SOUZA, 1983, p. 27). Nesse contexto, o regionalismo literário teve papel fundamental na difusão de um novo olhar sobre o Brasil, trazendo ao debate nacional elementos culturais inéditos até então. No que diz respeito a esse aspecto, Candido afirma que:

Tomando por amostra a literatura, verificam-se nela alguns traços que, embora característicos do período aberto pelo movimento revolucionário, são na maioria “atualizações” (no sentido de “passagem da potência ao ato”) daquilo que se esboçara ou definira nos anos 20. É o caso do enfraquecimento progressivo da literatura acadêmica; aceitação consciente ou inconsciente das inovações formais e temáticas; do alargamento das “literaturas regionais” à escala nacional; da polarização ideológica (SOUZA, 1983, p. 29).

Na sequência, o crítico fala sobre a diversidade literária que se configurou no Brasil depois de 30, quando ganhou destaque a temática regionalista como forma de expressão da realidade nacional:

Foi com efeito notável a interpenetração literária em todo o Brasil depois de 30, quando um jovem, digamos do interior de Minas, ia vivendo numa experiência feérica e real a Bahia de Jorge Amado, a Paraíba ou o Recife de José Lins do Rego, a Aracaju de Amando Fontes, a Amazônia de Abguar Bastos, a Belo horizonte de Ciro dos Anjos, a Porto Alegre de Érico Veríssimo ou Dionélio Machado, a cidade

cujo rio imitava o Reno, de Viana Moog, Foi como se a literatura tivesse desenvolvido para o leitor uma visão renovada, não-convencional, do seu país, visto como um conjunto diversificado mas solidário. (SOUZA, 1983, p. 30)

Como reporta Antonio Candido, a difusão do pensamento revolucionário tornou-se massiva, após o levante de 1930, com a colaboração de todos os meios midiáticos disponíveis na época, que também sofreram o impacto das novas ideologias, exercendo um papel indispensável na formação da nova consciência intelectual e artística. Além disso, as escolas públicas também tiveram importante atuação no que diz respeito à normatização da linguagem e do pensamento modernista, que se tornou matéria de estudo nas instituições escolares de todo o país.

De acordo com Candido, as mudanças na educação começaram a ser formuladas na década anterior, com a implementação de projetos educacionais locais:

[...] antes houvera reformas locais, iniciadas pela de Sampaio Doria em São Paulo (1920), que introduziu a modernização dos métodos pedagógicos e procurou tornar realidade o ensino primário obrigatório com notável incremento das escolas rurais. Outras reformas localizadas foram as de Lourenço Filho no Ceará (1924), a de Francisco Campos em Minas (1927), a de Fernando de Azevedo no então Distrito Federal (1928). Todas elas visavam à renovação pedagógica consubstanciada na designação de “escola nova”, que representava posição avançada no liberalismo educacional, e que por isso foi combatida às vezes violentamente pela igreja, então muito aferrada não apenas no ensino religioso, mas a métodos tradicionais. [...] (SOUZA, 1983, p. 28)

Seguindo a mesma linha de pensamento, percebemos que, a partir da revolução de 30, diversos movimentos reformistas se estabeleceram, contribuindo para as mudanças observadas no campo pedagógico. Essas reformas não eram bem vistas pela ótica religiosa canônica, sendo, pelo contrário, combatidas duramente pela igreja católica, que saiu à defesa dos métodos educativos tradicionais. Esse cenário cultural, provavelmente, teve grande influência na formação da jovem Alina, como fica evidenciado em sua produção ficcional. Particularmente, a posição da igreja católica relativamente aos ideais transformistas de 30 é reportada em *A sombra do patriarca*, em especial, no conflito envolvendo o padre Filadelfo e suas ideias revolucionárias, no romance, reprimidas pela ordem patriarcal.

Ainda de acordo com Antonio Candido, nos anos que se seguiram à revolução de 1930, a temática regionalista alcança grande prestígio no país, sendo moldada pelo embate político que se configurava para além dos limites nacionais. Esse aspecto se torna patente no romance *A sombra do patriarca* (1950), no qual a escritora busca transpor a ideia marxista da luta de classes pelo viés da teoria feminista, bem representado no livro *Segundo Sexo* (1970), da escritora e ativista francesa Simone de Beauvoir. Em *A sombra do patriarca* (1950), em

particular, fica evidente a inclinação de Alina para as causas socialistas defendidas pelo Partido Comunista Brasileiro, principal oponente político da velha oligarquia agrária, combatida duramente pela narradora personagem do romance. A esse respeito, no ensaio aqui citado, Antonio Candido nos fala de certo espírito genérico de radicalismo que se propagou no meio cultural brasileiro, para o qual teve grande contribuição a divulgação do pensamento marxista pelas novas editoras, que ganharam espaço no Brasil:

Muita gente se interessou pela experiência da União Soviética, e as livrarias pululavam de livros a respeito, estrangeiros e nacionais. Estes, devidos a observadores entusiastas, como Caio Prado Júnior; simpáticos, como Maurício Medeiros; ou reticentes, como Gondim da Fonseca. Editoras pequenas e esforçadas divulgavam obras sobre anarquismo, marxismo, sindicalismo, movimento operário. (SOUZA, 1983, p. 31)

Essa atmosfera política dá o tom da narrativa em *A sombra do patriarca*, romance no qual a autora busca representar uma realidade regional específica a partir de um viés universalista: o viés do marxismo, traduzido pela ótica feminista, que ganha expressão no mundo, sobretudo, no período pós-guerra. Imbuída desses ideais, a autora coloca o regionalismo literário em um novo patamar. Nesse romance, a autora, de alguma forma, procura trazer ao debate social o papel da mulher em tal contexto.

3.1 Uma breve reflexão sobre a ótica feminista em *A sombra do patriarca*

Em seu livro, *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir traz à tona indagações no que tange ao lugar ocupado pelas mulheres no mundo, defendendo o protagonismo feminino na sociedade. Essa questão é, de certa forma, colocada no romance de Alina Paim pela personagem Raquel, em conflito constante com os representantes da ordem patriarcal, segundo a qual a mulher deve conformar-se a uma posição inferior em relação ao homem. Como podemos averiguar no seguinte trecho de *A sombra do patriarca*.

- Você está fugindo à discussão, o motivo é outro, vem de longe. A religião explica com clareza: a mulher tem que viver sob a tutela do homem, primeiro na casa paterna, depois na companhia do marido. Querer agir de outra maneira é procurar inclinar-se às bordas do perigo, é ficar prestes a cair no irremediável. [...] (PAIM, 1950, p. 40)

O segundo sexo, de Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 1970), gira em torno do tema da condição de dependência da mulher nas sociedades. Para Beauvoir o que se compreende como condição feminina é algo construído no decorrer de um longo processo histórico marcado pela dominação masculina. De acordo com a escritora:

Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”. Todo ser humano de sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. [...] (BEAUVOIR, 1970, p. 07)

Um outro aspecto tratado por Beauvoir diz respeito à desvalorização profissional da mulher, para a autora, uma forma de os homens exercerem controle sobre a produção do capital:

A burguesia conservadora continua a ver a emancipação da mulher como um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina. No Hebdo-Latin um estudante declarava há dias: “Toda estudante que consegue uma posição de médico ou de advogado rouba-nos um lugar”. Esse rapaz não duvidava, um só instante, de seus próprios direitos sobre o mundo. Não são só os direitos econômicos que importam. Um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é de o mais humilde destes se sentir superior: um “pobre branco” do sul dos E.U.A. tem o consolo de dizer que não é “um negro imundo” e os brancos mais ricos exploram habilmente esse orgulho. Assim também, o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres. [...] (BEAUVOIR, 1970, p. 18)

No trecho acima, Beauvoir coloca em xeque a visão de superioridade que alguns integrantes do sexo masculino ainda possuem em relação ao feminino. Essa problemática, colocada em primeiro plano no romance de Alina Paim, evidencia o engajamento da autora no que diz respeito ao ideário feminista que ganhou força após a segunda guerra mundial.

3.2 O coronelismo e a transposição da teoria marxista da luta de classes em *A sombra do patriarca*

Como já foi dito, no romance em questão, o coronelismo é visto por uma ótica universalista, por meio da qual se procura traduzir os problemas econômicos, sociais, ideológicos e políticos locais pela lente do feminismo marxista. A partir da leitura do livro *Coronelismo e dominação*, de Ibarê Dantas (DANTAS, 1987), podemos compreender melhor as relações de poder em *A sombra do patriarca*, de Alina Paim, que busca transpor, ao romance, os conflitos sociais do Nordeste agrário do tempo dos coronéis, sob o viés da luta de classes.

Como procura mostrar Ibarê Dantas, nesse ambiente, imperava o clientelismo político, que garantia a perpetuação do poder por parte dos coronéis sem patente. Por isso, de acordo com o autor, o coronelismo se apresentava como um fenômeno imutável em relação às modificações que se iam operando no Estado e na sociedade (DANTAS, 1987, p. 14).

O coronelismo, como dissemos anteriormente, atua nos âmbitos socioeconômicos, ideológicos e políticos. No primeiro, situa-se a questão dos grandes proprietários de terras (os coronéis) que faziam com que seus trabalhadores fizessem parte de seu rebanho, como se fossem os donos dos mesmos, caracterizando-se assim as relações de dominação que excluía a possibilidade de qualquer vínculo legal e trabalhista. Quanto à dimensão ideológica, essa caminha paralelamente à dimensão socioeconômica. Quanto a isso, em seu livro, Dantas traz à tona questões que envolvem as práticas de lealdade e submissão no tocante ao relacionamento entre coronéis e trabalhadores. Vejamos o que o autor nos diz a respeito:

Dentro de um universo semi-fechado o controle das informações pelo senhor se torna elemento vital para a preservação dos padrões de dominação e manutenção das relações de dependência pessoal. Dessa forma, em todas as fases do coronelismo, a presença do grande proprietário de terra, mantendo relações de produção não capitalista com os trabalhadores e o atrelamento ideológico destes para com o senhor, apresentam-se como traços marcantes. Não é por acaso que, quando essas relações começam a ser erodidas, o coronelismo entra em declínio e caminha para o ocaso. (DANTAS, 1987, p. 15)

De acordo com a ótica de Ibarê, podemos perceber que, para o coronelismo surtir efeito, foi necessário que houvesse um grande controle de informações, para que, assim, os trabalhadores continuassem sempre submissos e dependentes dos seus coronéis, sem que eles ganhem algo em troca, como na sociedade contemporânea capitalista, que os trabalhadores

ganham pelo trabalho que eles desempenham - embora ainda ocorram, na atualidade, casos de exploração similar à do período em que o coronelismo atuava hegemonicamente.

No que diz respeito ao âmbito da política, para Dantas, essa dimensão irá funcionar como uma espécie de intermediária atuante na relação entre a sociedade política, o estado e as massas municipais. Mais adiante veremos que o autor nos revela algo sobre a atuação do coronelismo no decorrer da história do nosso país:

A peculiaridade do coronelismo no Brasil é a de que a fonte de poder do coronel apresentou algumas variações históricas. Se num primeiro período o coronelismo se fundamenta no controle das massas e na legitimação da sociedade política, a partir da força de sua milícia particular, num segundo momento, quando sua força coercitiva se torna desgastada, passa a explorar seu prestígio construído através de uma tradição de mando. Somente numa terceira fase o voto passa a ter papel primordial dentro do coronelismo. (DANTAS, 1987, p. 16)

Partindo-se do que o autor nos diz no trecho acima, fica bastante clara a ideia de que o coronelismo no Brasil deixou marcas no que tange às relações de trabalho, influenciando a política em certos domínios regionais do país. Como lembra DANTAS, o clientelismo próprio do coronelismo local, era um fator inibidor da organização dos moradores rurais em torno de seus próprios interesses, sendo eles (os coronéis), os ditadores da lei nas comunidades onde o coronelismo imperava. Uma das razões pelas quais os trabalhadores rurais se mantinham estáticos diante da condição de exploração eram os altos índices de analfabetismo nas camadas mais pobres e marginalizadas do país.

Em seu romance, Paim procura transpor o jogo da dominação cultural envolvendo o senhor de terras no Nordeste agrário da primeira metade do século XX. Paim nos transmite tais ideais com bastante clareza e maestria, deixando claro o seu engajamento político ao se colocar, por meio da narradora Raquel, em defesa dos oprimidos, que restavam à margem da sociedade, como, por exemplo, os negros, as mulheres e os trabalhadores rurais, de modo geral. Em seu romance, Paim levanta um aspecto fundamental da teoria marxista, que diz respeito à centralização do poder e à concentração do capital nas mãos das elites econômicas. A propósito, falam Marx e Engels:

A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária dessas transformações foi a centralização política. Províncias independentes, ligadas apenas por débeis laços federativos, possuindo interesses, leis, governos e tarifas aduaneiras diferentes, foram reunidas em uma só nação, com um só governo, uma só lei, um só interesse nacional de classe, uma só barreira alfandegária. (DANTAS, 1987, p. 44)

Na trama de *A sombra do patriarca*, temos a presença de um patriarca que age em seu território como um rolo compressor, de modo que tudo gira em torno de si e para servi-lo. Ele é quem dita as regras e as leis da região onde se encontram os seus domínios, fazendo com que aqueles que não o obedecessem pagassem um preço, por vezes, muito alto por isso. Foi o que aconteceu com a personagem do padre Filadelfo, que é transferido para um local distante e isolado, devido a um pedido realizado pelo patriarca, após o sacerdote direcionar um comentário crítico à família do tio Ramiro na igreja. Na passagem a seguir, Teresa, filha do coronel Ramiro, evoca o motivo político da transferência do padre revolucionário:

A igreja estava cheia, talvez propositadamente. Padre Filadelfo subiu ao púlpito, enfezado e com voz quase rouca começou: “Está no evangelho. Cristo, falando aos fariseus, aos vendilhões do templo, aos exploradores do povo, disse: - É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar nos reinos do céus”. Quem não compreendia que era contra nós o seu sermão? Abandonamos a igreja e ele pagou caro a impertinência. Cristo disse essas palavras há muitos séculos e está bem claro que elas foram para aquela situação apenas, para a gente que o ouvia. Para que ressuscitar essa passagem, justamente essa, se sua intenção não fosse ir além dos limites, pisar num terreno que não era de sua alçada? Recebeu o que merecia. Sua Excelência concordou com o papai e acedeu gentilmente à nossa solicitação. De que serviu este rompante? Hoje está no fim do mundo, embrenhado no sertão. [...] (PAIM, 1950, p. 83-84)

Fica evidente, nessa cena, o poder do coronel, senhor absoluto do seu latifúndio e de tudo que havia nele, incluindo as pessoas, mantendo tudo e a todos sobre o seu total domínio. Como se observa, Ramiro estabelece, com seus subordinados, uma relação bastante similar àquela própria dos tempos feudais, porém, num outro âmbito espaço-temporal, o Nordeste agrário em pleno século XX. Vejamos como a narradora delineia, na seguinte passagem do romance, o caráter autoritário, como também, desumano do coronel Ramiro:

Somente na fazenda Curral Novo, em contato com a gente simples de Tia Celina, pude penetrar sua significação. Vi muito claro naquela tarde em que a velha Lucrecia revelou a história da família, com uma narrativa cheia de recordações ligadas à sua mocidade de escrava prês a aquela terá e acorrentada a seus senhores. Compreendi em toda sua extensão a ambição e a violência desse homem que com uma vontade de ferro dobrou todas aquelas vidas, torceu os destinos de tantas pessoas para que nada fugisse à sua determinação, nem escapasse a seus planos. Usava todos os meios, não poupava dinheiro e agia sem piedade, frio e autoritário (PAIM, p. 15-16).

Dando continuidade à leitura, veremos que em muitas passagens da obra a figura de Tio Ramiro será ainda mais explorada e conseguiremos nos adentrar ainda mais na história desse personagem, conhecer melhor o seu modo de viver, seus ideais. Observemos, em mais um trecho do romance, a imagem de tio Ramiro a partir da ótica de Raquel, protagonista do romance:

Grande foi a minha surpresa no dia da chegada, quando vi papai saltar do carro e aproximar-se apressado para beijar a mão de um homem baixinho e mirrado. Então era aquele o poderoso tio Ramiro? Chegou a minha vez de prestar vassalagem.

Beijei aquela mão cheia de sardas e de veias salientes, e na hora do abraço não deixei escapar a oportunidade de olhar de perto aquele rosto que se estendia um palmo abaixo do meu. A pele era queimada e cheia de pontinhos marrons como as mãos, olhos fundos, cabelos ralos, e os lábios curtos e delgados mal encobriam dentes amarelados. (PAIM, p. 19)

Observamos que, através do olhar de Raquel, a figura do patriarca se aproxima da do típico indivíduo sertanejo, cuja pele e mão apresentam as marcas advindas de muito trabalho ao qual o campo sempre há de proporcionar. Ainda seguindo o respectivo trecho, Raquel continua a nos detalhar a figura do seu tio Ramiro:

Eis o tio Ramiro que escravizara os anos de mocidade de meu pai- o todo poderoso- esse homem baixinho, velho e feio. Nessa figura mirrada somente a voz impressionava, uma voz áspera, dividindo as frases com pausas ligeiras, como se descansasse de uma chicotada para outra. No mesmo dia tive a revelação de que suas palavras feriam, oscilando entre ordens e reclamações. [...] (PAIM, p. 19)

Reparemos que a imagem que a personagem Raquel tem de seu tio Ramiro é bastante negativa, em grande parte, por influência de seu pai, que, previamente, lhe narrara a sua má experiência na fazenda do coronel. A tirania do patriarca é explicitada no seguinte trecho:

Na sala de jantar, a mesa enorme estendia-se bem no centro, tendo numa das cabeceiras uma cadeira de braços, escura e imponente, marcando o lugar do dono da casa. Fiquei à sua direita por uma distinção especial. Silenciosos, os membros da família distribuíam-se por seus lugares habituais, esperando que tio Ramiro sentasse primeiro. Papai, à minha frente, tinha um riso fixo que não se apagava, tão inexpressivo como seu mal-estar. (PAIM, p. 20)

Ao analisarmos o recorte acima destacado, podemos ver claramente a imagem do patriarca através da personagem do poderoso tio Ramiro, o qual é respeitado por todos os membros da sua família e ocupa o lugar central da mesa de jantar, possuindo, pois, a partir da ótica da narradora, um respeito total pelos seus, os quais só se sentam à mesa depois do patriarca. Essa marca de dominação, que caracteriza a personagem de tio Ramiro, como já mencionamos anteriormente, atinge não só a sua família, mas, sim, todos aqueles que vivem ao seu redor e que necessitam de trabalhar nas terras do patriarca, como podemos perceber na seguinte passagem do romance:

Cedinho, enquanto todos dormiam estava aprendendo uma lição direta com a vida. Com o rosto colado à vidraça da janela, os pés nus em contato com o calor do tapete, via a sombra do patriarca alongar-se mais ainda, estendendo-se além da família, abrangendo milhares de vida. Descia como um manto de opressão sobre os homens. E eles se movimentavam velando a chama amarela do bibiano com as mãos grosseiras e calosas, amontoando cana à margem da estrada, gotejando suor ao calor das caldeiras. De enxada em punho, outros cavavam a terra, lançavam a semente, plantavam dinheiro para o senhor. A sombra do patriarca é sutil e venenosa como os vapores de um tóxico poderoso, penetra nas casas de sopapo, envelhece as mulheres prematuramente e mina a vida das crianças, matando as esperanças, reduzindo todas à passividade e ao silêncio. (PAIM, 1950, p. 32)

Vejam como a narradora nos transmite, a partir de sua visão, como a sombra compressora do poderoso patriarca atinge e afeta a todos que estão a sua volta. Tudo gira em prol da aquisição de riquezas, em função da concentração do poder nas mãos de um único indivíduo, que é sustentado pela exploração de seus empregados, esses que, por sua vez, não têm direito a nada: tudo o que fazem e produzem vai parar nas mãos de seu patrão, e, nem mesmo das plantações de subsistência que eles produzem na terra em que vivem, eles podem usufruir por completo, pois residem nas terras do patriarca.

A seguir, temos mais um exemplo da situação de exploração do trabalhador rural:

A mulher estaria sozinha numa casa êrma, minada pelo paludismo, estendida na esteira, sem um lençol ao menos, a esperar outro filhinho. Desde a madrugada o marido partia para a mata, deixando para os dois uma ração de feijão cozido às pressas, depois de um dia de trabalho. Era o abandono e a desolação. Meus olhos não queriam acreditar que pudesse haver tanta miséria. A meu lado, Leonor tinha dito quase rudemente: - É isso mesmo, Raquel. E esta mulher não é a única nestas condições. [...] (PAIM, 1950, p. 128)

A partir da leitura do trecho acima percebemos como é miserável a vida de muitas famílias que sobrevivem à sombra do patriarca:

Compreendi a inutilidade do esforço do homem que à margem do caminho malhava com a enxada, querendo combater a miséria. Era doloroso vê-lo. Esgotara as forças na luta da semana, dando a maior parte dos dias de trabalho ao senhor das terras, em troca da casa de sopapo escura e sem conforto. As braças de terreno que a cercavam eram verdadeiro refugio, não tinham servido para a plantação da cana. Esse homem não entendia que a luta era desigual e nada conseguiria para a mulher que espiava da janela. Os filhos aguardavam brincando sem animação, tinham desaprendido a alegria e não chegaram talvez a provar a esperança. Suas barrigas empinadas tinham a pele esticada como um tambor. Apesar de grandes, estavam vazias de alimentos, roídas pela fome mais exigente, à proporção que os vermes venciam na conquista de espaço, sobrevivendo e multiplicando-se. (PAIM, 1950, p. 154)

No trecho acima, podemos observar mais um exemplo da terrível ameaça que a sombra do todo poderoso patriarca representa no cenário de miséria e de trabalho quase escravo típico da realidade nordestina, no período onde o romance se situa, quando o país vivencia uma atmosfera de acalorados protestos em prol da causa trabalhista. Outro aspecto referente à temática regionalista presente em *A sombra do patriarca* diz respeito à religiosidade, explorada na configuração das personagens de padre Coutinho e do padre Filadelfo, cujas visões de mundo e expectativas de vida são totalmente opostas: o primeiro acata a todos os desejos daqueles que possuem maiores riquezas, já o segundo se revela um típico militante revolucionário, defensor dos direitos dos desprovidos e carentes, que ocupam as margens da sociedade. Segue uma passagem do romance, em que se configura a posição do padre Coutinho sobre as contradições sociais denunciadas pela narradora. Diz o padre:

É em vão tentar rebelar-se contra a ordem que domina o mundo. Houve e sempre haverá a desigualdade, nisto reside a harmonia da perfeição divina. Por exemplo, numa paisagem, quando existem altos e baixos, há mais beleza. Do contraste nasce o movimento, essa ondulação que dá vida a natureza. Na sociedade dá-se o mesmo. Deus, em sua sabedoria, colocou no mundo ricos e pobres. Os últimos devem estar submetidos aos primeiros; através da autoridade de seus superiores lhes chegará a manifestação da vontade divina. Atualmente, porém, eles não querem compreender mais os desígnios do Todo-poderoso, marcham de olhos fechados para a perdição. Jesus Cristo mesmo disse: “Dai a César o que é de César”, e eles não querem reconhecer os direitos de César. [...] (PAIM, 1950, p. 80)

A partir desse comentário, realizado pelo padre Coutinho, percebemos que o seu ponto de vista endossa o sistema de dominação mantido pelo patriarca, ficando ao lado dos que possuem mais dinheiro e prestígio na sociedade. Em seu julgamento, os trabalhadores são desobedientes e delinquentes quando não concordam com a exploração que lhes é imposta. Já o padre Filadelfo se situa no lado oposto, sendo punido por sua fala, que é tida como subversiva. No trecho a seguir, Teresa, a filha apreciada de Ramiro, expressa a sua opinião sobre o sacerdote revolucionário:

Padre Filadelfo esquecia-se das obrigações, entregue a questões que fugiam de sua alçada. A igreja vivia fechada, e muitos dias nem celebrava. Montado num burro, percorria as estradas de batina surrada e ruça de poeira, de casa em casa, enchendo os ouvidos com as lamúrias de todo vagabundo que lhe surgia pela frente. Era vergonhoso, não podíamos recebe-lo sem temor. Sempre descuidado, aparecia num estado de meter lástima, deixando-nos numa situação embaraçosa diante de estranhos. Nunca tinha dinheiro, dava a impressão de que andava com os bolsos furados. Chegou ao extremo de vir à frente de uns quarenta trabalhadores, num domingo à tarde em que tínhamos visitas, reclamar salário, queixar-se de que o trabalho dos homens nos canaviais era desumano, de sol a sol, e outros absurdos. Ainda vejo papai – foi um grande herói de domínio de si mesmo, não alterou a voz diante das pessoas presentes, mandou que se dispersassem que depois trataria do assunto com atenção. (PAIM, 1950, p. 82-83)

Vejam que através da visão de Teresa sobre a história de vida do padre Filadelfo podemos observar que as ações do respectivo sacerdote batiam de frente com os ideais políticos que predominavam na Vila de Santa Clara e, mais precisamente, com a postura do dono da usina e dos canaviais, para o padre, um explorador desumano dos fracos e oprimidos.

Considerações finais

Vimos que, no romance *A sombra do patriarca* (1950), a narrativa se situa num período bastante turbulento da história do Brasil, em que o país passava por diversas transformações, no campo da política, das artes e da cultura de modo geral. Nesse contexto, muitos escritores, a exemplo de Alina Paim, utilizaram a ficção para expressar ideais políticos e denunciar a desigualdade social e as mazelas decorrentes dessa situação, destacando-se, o regionalismo, como uma via privilegiada a esse fim.

Neste trabalho, buscou-se averiguar como, em *A sombra do patriarca*, situações sociais e políticas que identificam uma realidade particular, regional, são transpostas poeticamente a partir de um viés universalista: no caso, o viés do feminismo marxista. Por esse caminho, chegamos à conclusão de que *A sombra do patriarca* carrega em si o desejo da autora de deixar registradas as dificuldades encontradas pelas mulheres para ocupar o seu lugar em uma sociedade falocêntrica, situada numa região específica, o interior sergipano, onde havia se instalado um governo monocrático, em que todas as leis eram ditas e, às vezes, executadas pelos coronéis sem patente, que detinham os meios de produção.

Partindo dos trechos de *A sombra do patriarca*, aqui transcritos, podemos observar como, no romance, se dá a transposição do regional pelo viés da teoria marxista da luta de classes e do feminismo, de modo a evidenciar-se a postura política e ideológica que subjaz à narrativa de Alina Paim. Nesse romance, por assim dizer, existe um libelo da causa feminista no Brasil, a temática regionalista é atualizada por um novo olhar, um olhar feminista que traduz os temas recorrentes no romance do Nordeste, pela via do engajamento político, assumido por Paim, que coloca em primeiro plano, em sua ficção, ideais cujas bases ideológicas ultrapassam os limites do regionalismo pitoresco, traduzindo o regional à luz de um ideal universalista.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. *Revista Letras*, Curitiba, N. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008. Editora UFPR;

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo 1. Fatos e mitos. Difusão europeia do livro, São Paulo. 1970;

CARDOSO, Ana Maria Leal. Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo. *Aletria*, v. 20, n. 2, maio-ago., 2010;

DANTAS, Ibaré. Coronelismo e dominação. Aracajú, Universidade Federal de Sergipe, PROEX/CECAC/Programa Editorial, 1987;

LEITE, Ligia Chiappini Moraes e. “Do Beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, 15, 1995, p. 153-159;

_____. *O foco narrativo* (ou a polêmica em torno da ilusão). Editora Ática. São Paulo-SP. 10ª edição. Disponível em <https://teoriadaliteraturaifb.files.wordpress.com/2014/07/texto-02-o-foco-narrativo-ligia-chiapinni.pdf>, acessado em 25/11/2017 às 17H25min;

GOMES, Carlos Magno Santos. Escritoras marginalizadas. *CALIGRAMA*, Belo Horizonte, v.19, n. 1, p. 23-38, 2014;

MARX, Engels. *Manifesto comunista*. Rocket Edition, 1999. Versão digital: eBooks Brasil.org/Exilado (Epub e Kindle). Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2545967/mod_resource/content/1/MARX%3B%20ENGELS.%20Manifesto%20Comunista.pdf, acessado em 11/12/2017, às 23:31h.

PAIM, Alina. A sombra do patriarca. Editora Globo. Rio de Janeiro- Porto Alegre- São Paulo;

POZENATO, José Clemente. Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

SANTOS, Gilfrancisco. “A romancista Alina Paim”. Aracaju: GFS, 2008. Disponível em: < <http://www.arquivors.com/gilfrancisco7.htm> >. Acessado em: 23 jan. 2017.

SOUZA, Antônio Candido de Melo e. A revolução de 1930 e a cultura. TÍTULO DA OBRA ONDE SE ENCONTRA O ENSAIO CITADO. Porto Alegre, ERUS, 1983, disponível no site <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAARfAAE/a-revolucao-1930-a-cultura-candido#>, acessado em 21/11/2017 às 22H28min;

_____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento, disponível no site <http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Candido%20%20Literatura%20e%20subdesenvolvimento.pdf>, acessado em 19/11/2017 às 22H45min.